

CLUBES SOCIAIS: PRÁTICAS ESPORTIVAS E IDENTIDADES CULTURAIS

Recebido em: 21/09/2011

Aceito em: 28/05/2012

*Carolina Fernandes da Silva*¹

*Ester Liberato Pereira*²

*Janice Zarpellon Mazo*³

Escola de Educação Física
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Porto Alegre – RS – Brasil

RESUMO: O objetivo deste estudo é identificar como as práticas esportivas oferecidas pelos primeiros clubes sociais foram reutilizadas na produção de identidades culturais em Porto Alegre na transição do século XIX para o século XX. A análise documental das fontes impressas revelou que tanto os clubes que congregavam os teuto-brasileiros quanto os que reuniam o grupo social luso-brasileiro eram mantenedores de tradições. A ginástica alemã era a prática mais representativa dos clubes de alemães, além do remo, até o princípio do século XX. Neste período, contudo, os luso-brasileiros organizaram seus primeiros clubes de remo, reutilizando esta prática esportiva para a produção de representação de outra identidade cultural na cidade. Assim, os luso-brasileiros foram rompendo com sua identificação restrita ao turfe e produzindo identidades no associativismo esportivo assim como os imigrantes alemães.

PALAVRAS CHAVE: Esportes. Academias de Ginástica. História.

SOCIAL CLUBS: SPORTIVE PRACTICES AND CULTURAL IDENTITIES

ABSTRACT: This study aims to identify how sportive practices offered by the first social clubs were reutilized in the production of cultural identities in Porto Alegre in the transitional period between the 19th century and the 20th century. The documental analysis of printed sources revealed that both clubs – those who congregated Teutonic-Brazilian and those that gathered the social group of Portuguese-Brazilian – were

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH), integrante do Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte e da Educação Física (NEHME) da Escola de Educação Física (ESEF) da UFRGS e bolsista CAPES.

² Mestranda do PPGCMH, integrante do NEHME da ESEF/UFRGS e bolsista CNPq.

³ Professora dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física e do PPGCMH da ESEF/UFRGS. Coordenadora do NEHME da ESEF/UFRGS.

tradition maintainers. German gymnastics was the most representative practice of German clubs, besides rowing, until the beginning of the 20th century. In this period, however, Portuguese-Brazilian organized their first rowing clubs, reutilizing this sportive practice to the production of representation of another cultural identity. Thus, Portuguese-Brazilian kept breaking their restrictive identification to turf and producing identities in sportive associations just like German immigrants.

KEYWORDS: Sports. Fitness Centers. History.

Introdução

Os imigrantes alemães organizaram os primeiros clubes impulsionando o desenvolvimento das práticas esportivas em Porto Alegre, em meados do século XIX. Estes clubes não se limitavam apenas à prática de esportes, mas também eram lugares de preservação de sua cultura, socialização e lazer. Dentre as práticas culturais eleitas, o esporte foi utilizado como meio de sociabilidade, ao mesmo tempo em que oportunizaram a diferenciação de outros grupos étnicos.

A distinção entre grupos étnicos se processa pela produção de identificação entre os indivíduos de mesma origem étnica, ao mesmo tempo em que são estabelecidos limites sociais simbólicos deste grupo em relação aos outros. Tal processo de “demarcação de fronteiras de identidades” (CUCHE, 1999) envolve o confronto de identidades culturais, por meio da produção de representações e de práticas culturais. Conforme Burke (2005), as representações culturais podem ser expressas de diferentes formas, inclusive pelas práticas esportivas.

O *turnen*, traduzido por Tesche (2011) para o termo “ginástica”, foi a prática escolhida pelos imigrantes alemães quando fundaram o primeiro clube em Porto Alegre, a “Sociedade Ginástica Porto Alegre, em 1867” (SOGIPA). O *turnen*, para além da ginástica, englobava outras práticas como, por exemplo, a corrida e a esgrima. Por meio desta prática os imigrantes alemães produziram um sentimento de pertencimento à

Pátria de origem. Assim, na medida em que este grupo social se apropriou do *turnen* e do novo espaço sociocultural, ocorreu a re-significação de suas representações culturais.

Enquanto os imigrantes alemães construíaam vínculos nos clubes, principalmente por meio do *turnen*, os luso-brasileiros alimentavam seus laços de pertencimento a uma coletividade por meio do turfe. O estudo de Mazo e Gaya (2006) revelou que o turfe era uma prática identificadora dos luso-brasileiros. Na segunda metade do século XIX, os prados – locais onde se praticava o turfe – tornaram-se os principais espaços de sociabilidades e lazer deste grupo social em Porto Alegre.

Todavia, os lugares onde ocorria a prática do turfe não possuíam o mesmo caráter associativo dos clubes fundados pelos imigrantes alemães. Em torno do turfe, configurou-se um espaço de sociabilidade, contudo centrado nas apostas em dinheiro, diferentemente da atitude inovadora dos clubes dos alemães, onde a prática esportiva estava colocada em primeiro plano. Para além da ginástica, os imigrantes alemães apresentaram, a partir da segunda metade do século XIX, a prática de outros esportes, destacando-se o remo.

No princípio do novo século, o domínio do cenário esportivo porto-alegrense pelos imigrantes alemães era notório. Diante desta conformação social, os luso-brasileiros sentiram a necessidade de se fazer representar para além das disputas turfísticas nos prados. O remo foi a prática esportiva eleita pelo primeiro clube de luso-brasileiros fundado em Porto Alegre, no ano de 1903. A partir de então, desencadeou-se um confronto simbólico no campo esportivo, que pode ser evidenciado nas competições entre os clubes de remo dos alemães e dos luso-brasileiros: as regatas.

O objetivo deste estudo é identificar como as práticas esportivas oferecidas pelos primeiros clubes sociais foram reutilizadas na produção de identidades culturais em

Porto Alegre na transição do século XIX para o século XX. Tal objetivo pretende-se contemplado por meio da coleta de informações em fontes impressas, como os jornais A Federação, Gazetinha, O Independente e Correio do Povo; Álbum d'O Rio Grande do Sul Sportivo; obras comemorativas de associações esportivas e Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul. Estas fontes históricas foram submetidas à análise documental em busca de indícios de representações culturais de identidades construídas, por meio das práticas esportivas, tanto pelos lusos como pelos teuto-brasileiros.

A técnica de análise contemplou basicamente as seguintes etapas: fichamento e transcrição parcial das fontes coletadas; contextualização e análise das fontes conjecturando-se outros fatos; aferição da documentação; relação entre texto e contexto; registro de constantes e identificação das evidências. Em seguida ao tratamento do material empírico, desencadeou-se o diálogo com os autores que constituem a base teórica do estudo. O resultado desta análise é apresentado nos tópicos que seguem.

A ginástica nos clubes dos alemães

Os teuto-brasileiros, ao chegarem ao extremo sul do país, buscavam espaços de sociabilidades onde poderiam se reconhecer, assim como recriar estratégias para manter suas tradições e costumes. Reunir-se em um clube, falar o idioma alemão, exercitar-se e praticar esportes são exemplos de como eles preservaram sua cultura. Na expectativa de conservação do grupo étnico na sociedade porto-alegrense, os teuto-brasileiros transformaram os clubes em centros de manifestações culturais.

Conforme Silva (1997), os clubes dos alemães eram ocupados para as seguintes práticas culturais: ginástica, jogos, caminhadas, teatro e coral. Dentre estas práticas, a ginástica (*turnen*) era um marco de referência na cultura teuto-brasileira. Esta autora

(1997) considera que, para além de uma prática corporal, a ginástica era um meio de educar o jovem para a nação, inculcando preceitos morais e tornando o cidadão um indivíduo saudável.

A ginástica era uma representação coletiva, tendo em vista que sua prática refletiria a maneira como o grupo se vê: saudável, virtuoso, forte. Esta concepção, transplantada para o Brasil por meio da diáspora, fortificava laços com a pátria de origem, desenvolvendo um duplo movimento de preservação e recriação de uma cultura alemã. Já no início do século XX, registros refletem a força dos imigrantes alemães e seus descendentes em Porto Alegre, nos campos político, econômico e cultural (VENCEDORES..., 1907).

No que tange ao campo esportivo, os clubes promoviam eventos que, também, eram um meio dos grupos étnicos preservarem sua cultura. As Festas de Ginástica, agenciadas pelos clubes de alemães, eram uma das manifestações públicas de sua identidade cultural na nova pátria. A Revista Esportiva (1907) anunciou “o brilhantismo do 5º torneio Gymnastico realizado de 19 a 21 de outubro de 1907, pela Liga das Sociedades Gymnasticas Allemãs do Rio Grande do Sul, tornando sobressalente a participação distinta da sociedade *Turnerbund* [atual SOGIPA]” (VENCEDORES..., 1907)⁴. Estes eventos contribuíam para exibir a presença e reforçar a identificação dos teuto-brasileiros como praticantes de esportes.

Em Porto Alegre, segundo Tesche (2011), as atividades culturais desta etnia iniciaram a partir de 1851, sendo a prática da ginástica identificada no início da década de 1860. No final desta década, em 1867, foi inaugurada a primeira sociedade de ginástica na capital do Estado, conhecida como SOGIPA, pela iniciativa de um pequeno

⁴ Atenta-se para o fato de que, nas citações diretas de reportagens de jornais e atas das associações, optou-se por preservar a ortografia empregada na época.

grupo de imigrantes alemães. Além da ginástica, no princípio, foi incorporada a prática do tiro ao alvo e, posteriormente, do bolão (DAUDT, 1942, p. 7). Tais práticas, somadas a outros símbolos, como, por exemplo, a bandeira da sociedade com as mesmas cores da bandeira alemã, produziam representações identitárias em Porto Alegre.

Impulsionadas pela SOGIPA, as demais sociedades de ginástica fundadas no Rio Grande do Sul realizavam manifestações culturais a fim de reafirmar sua identidade publicamente. Grande parte das reportagens encontradas no jornal *Correio do Povo* são sobre a SOGIPA, o que figura enquanto uma preocupação da sociedade de, além de relembrar “os seus” do acontecimento, convidar os “outros” para estarem presentes e acompanharem suas conquistas, como mostra o seguinte anúncio:

Do *Turner-bund* [atual SOGIPA] recebemos convite para assistir a inauguração de seu campo para exercícios e jogos Gymnasticos situado a rua Benjamin Constant n. 386, no arrabalde de S. João, e a realizar-se no domingo próximo. Pela manhã, effectuar-se-a o campeonato gymnastico e às 3 da tarde terá logar a inauguração. Seguir-se-ão diversos jogos, exercícios e distribuição de prêmios (GYMNASTICA, 04 mai. 1911).

Exibir-se para ser visto parecia uma das preocupações que os teuto-brasileiros possuíam: mostrar que eram diferentes. A partir das tradições recriadas, em uma pátria diferente, surge, de fato, o confronto simbólico entre identidades culturais. Em resposta a estas ações, desabrocham manifestações e reforços de outras identidades; deste modo, novas práticas são apropriadas pelos luso-brasileiros.

Turfe: uma prática associada aos luso-brasileiros

Inicialmente, tanto os teuto-brasileiros como os luso-brasileiros se valeram da estratégia de adoção de associações esportivas para definir seu espaço social. Em

meados do século XIX, no entanto, estes dois grupos culturais passaram a visar à prática esportiva de maneiras diferentes entre si. Para os teuto-brasileiros, as práticas esportivas eram um meio de sustentação de sua cultura de identificação, enquanto que para os luso-brasileiros, o esporte estava associado ao mercantilismo. Entretanto, com as mudanças sociais, os luso-brasileiros necessitaram rever sua representação mercantil das associações esportivas.

Em meados do século XIX, ocorriam na cidade de Porto Alegre, disputas de corridas de cavalos em pistas retas, uma prática cultural que envolvia apostas em dinheiro, as quais eram um importante fator de atração para este espetáculo. Em reportagem do jornal A Gazeta de Porto Alegre, foi destacada esta atividade típica de lazer dos gaúchos aliada à presença do cavalo: “Há 50 anos, não conhecia o rio-grandense outras diversões públicas além das carreiras e das cavalhadas” (INAUGURAÇÃO..., 1880, p. 1).

A representação do cavalo para a construção da identidade do sul-rio-grandense estava cunhada, por exemplo, na obra “Álbum d’O Rio Grande do Sul Sportivo”, organizada por Lemos e Carvalho (1919). Neste álbum, constam 12 páginas destinadas a um texto intitulado “O Cavallo”, e, ainda são destacados os criadores de cavalos nas fotogravuras, que parecem representar figuras heróicas. A maioria dos criadores de cavalos era luso-brasileira: médicos, militares, conselheiros e industrialistas, que integravam a elite econômica sul-rio-grandense ligada à vida rural.

O turfe, em Porto Alegre, era associado a uma representação elitista marcada pelos luso-brasileiros, em função de sua aptidão de adquirirem estes cavalos. A importação dos cavalos da Inglaterra caracterizava o alto poder aquisitivo que era necessário para a participação neste esporte. Uma reportagem publicada no jornal O

Independente reforçava a ideia de que o investimento na prática do turfe poderia representar um excelente mercado: “Nesse tempo distintos negociantes até, dedicavam-se a esse agradabilíssimo gênero de *sport*, tanto da índole e do gosto do povo rio-grandense, e o que constituía um ótimo negócio” (APONTAMENTOS..., 23 mar. 1905, p. 2).

A partir da segunda metade do século XIX, cresceu o incentivo à prática do turfe por meio dos quatro prados que chegaram a funcionar simultaneamente na cidade: Porto-Alegrense (fundado em 1877); Prado Rio-Grandense (1881); Prado Navegantes (1891) e Prado Independência (1894). Os prados atingiram seu auge na década de 1890, também contribuindo para o desenvolvimento dos bairros onde se localizavam.

Neste sentido, os espaços destinados ao turfe se constituíram em locais de exibição da presença luso-brasileira em Porto Alegre. Enquanto uma parcela da elite teuto-brasileira buscava ostentar sua presença nos clubes, a elite econômica luso-brasileira tinha visibilidade social nos prados. Até a virada para o novo século XX, os luso-brasileiros não tinham organizado clubes como fizeram os teuto-brasileiros.

Cabe referir que os prados se constituíam em associações mercantis, cujo alvo exclusivo era fazer render o capital investido, não atentando, absolutamente, para benefícios ou desenvolvimento da raça dos cavalos de corrida. Amaro Júnior (1947) alega que os dividendos consistiam na preocupação básica. Os prados tinham um caráter predominantemente mercantil, visando obter lucros financeiros com as apostas, e neste contexto, o turfe era caracterizado eminentemente como um jogo de azar. Todavia, os jogos também podem ser encarados como formas de lazer, onde ao arriscar o capital financeiro, perpassa-se por emoções prazerosas, com sensações aventureiras.

No princípio do século XX, o turfe começou a enfraquecer em Porto Alegre, resultando no fechamento de quase todos os prados. Ocorriam significativas transformações sócio-econômicas na cidade, marcadas pelo aumento populacional, processos de urbanização e modernização, constituindo o contexto propício à introdução de novas práticas esportivas. Agregada a isto, a expansão da cidade também colaborou para o declínio do turfe, ocupando com loteamentos e construções os espaços antes pertencentes aos prados. A concorrência excessiva que existia entre os prados e as sociedades turfísticas, principalmente no que se refere aos lucros mercantis, a crise econômica derivada da Revolução Federalista (1893/1895), e a transição para um novo modelo sociocultural também desestabilizaram o cenário turfístico porto-alegrense (PEREIRA, 2008).

A elite luso-brasileira, no entanto, apresentou resistência à incorporação de novas práticas esportivas, procurando reanimar o turfe na cidade. Deste modo, após uma série de iniciativas isoladas, sem sucesso, os admiradores do turfe consolidavam uma nova sociedade, a qual incentivaria o turfe como um esporte, e não mais como um simples jogo de azar. Em setembro de 1907, foi fundada a Associação Protetora do Turfe, constatando-se uma intenção concretizada de promover e respeitar o turfe sob o ponto de vista esportivo, e não simplesmente lucrar com este esporte. Em sua ata de fundação, encontram-se os fins de “unir elementos que pugnassem seriamente pelo engrandecimento do esporte [hípico] atualmente em crise bem difícil” (CANTEIRO, 1907, p. 1).

Concomitantemente à finalidade de recuperar o turfe porto-alegrense, a Associação Protetora do Turfe também se configurou como um espaço de afirmação dos luso-brasileiros. Os nomes e sobrenomes luso-brasileiros dos quadros dirigentes

apontam nesta direção, desde a fundação até o final da década de 1920 (MAZO; FROSI, 2009). Por exemplo, o primeiro diretor da associação chamava-se Oscar Canteiro, e um dos destacados diretores por sua atuação foi Antonio Pedro Caminha.

É interessante salientar que, entre os fundadores do então extinto Prado Navegantes, estava o coronel Jacob Kroeff Filho, que foi um dos primeiros criadores de cavalos na cidade de Novo Hamburgo, e incentivador das corridas de cavalos. Na sociedade que administrava, o Prado Navegantes, havia turfistas de São Leopoldo, porém o único registro encontrado a este respeito, foi no Jornal do Comércio, o qual frisou que o prado “divulgava muita animação às corridas e grande número de pessoas vindas de São Leopoldo” (FRANCO, 1998, p. 205). Strohaecker e Souza (1991) reforçam tal possibilidade destacando o fato da facilidade do transporte ferroviário permitir a presença do público das cidades vizinhas São Leopoldo e Novo Hamburgo, sendo que este prado situava-se às margens da antiga Estrada de Ferro Porto Alegre - Novo Hamburgo.

Tendo em vista os sobrenomes e o fato de estas cidades configurarem-se como típicas de imigração alemã no Estado, talvez isto seja um indício de uma possível tentativa dos teuto-brasileiros apropriarem-se e fazerem-se presentes em uma prática esportiva identificada com os luso-brasileiros. De tal modo, atesta-se o incessante movimento de reformulação da identidade, já apontado por Cuche (1999): toda alteração em um espaço, leva a identidade de um grupo social a ser reformulada, reconstruída de maneira distinta.

Em Porto Alegre, ainda no início do século XX, foi fundado, pelos luso-brasileiros, o primeiro clube nos moldes dos tradicionais clubes dos alemães, sendo escolhida, para isto, a prática esportiva do remo. Segundo Silva e Mazo (2009), tal clube

de regatas foi fundado para impor uma identidade cultural distinta da então predominante em torno da prática do remo. É provável que esta associação de remo luso-brasileira seja resultado do movimento que foi potencializado pelo turfe, desde meados do século XIX, no sentido da mobilização em torno de uma prática esportiva procurando incentivá-la e apoiá-la enquanto um esporte.

Tanto luso-brasileiros como teuto-brasileiros, em um confronto simbólico de identidades, possivelmente ampliavam as fronteiras entre os grupos. Segundo Cuche (1999), tais fronteiras são criadas pela necessidade de cada grupo de se diferenciar por meio do uso de certos elementos culturais; no caso, o esporte, demarcando identidades. Portanto, de lado a lado, por meio do associativismo esportivo, tais grupos étnicos objetivavam a preservação de seus elementos culturais. Ao mesmo tempo em que as fronteiras separam, elas oportunizam a ligação. Assim, a prática esportiva do remo tornou-se espaço para diferenciações e trocas entre identidades.

Disputas identitárias entre os clubes de remo

Os clubes de remo, em Porto Alegre, atuaram na demarcação de fronteiras de identidade entre grupos culturais no princípio do século XX. Mas, desde meados do século XIX, o remo contribuiu para a fixação e estabelecimento de grupos sociais em Porto Alegre. O primeiro clube foi fundado na cidade em 21 de novembro de 1888 (MAZO; GAYA, 2006), com o nome de *Ruder-Club* Porto Alegre. Este clube de remo, juntamente com um clube organizado na cidade de Pelotas, está entre os pioneiros neste esporte no Estado.

Com a fundação do *Ruder-Club* Porto Alegre, o remo se tornou uma prática esportiva institucionalizada no Estado. Seus fundadores eram teuto-brasileiros e o clube

utilizou o idioma alemão para comunicação interna, limitando o acesso de pessoas que não falavam o idioma. Tal exigência pode ser evidenciada no jornal *Gazetinha*, cujo proprietário e editor era o luso-brasileiro Otaviano Manuel de Oliveira, que noticiou, no dia 8 de setembro de 1895, duras críticas à germanização do *Ruder Club* Porto Alegre, referido no texto como *Club* de Regatas Porto-Alegrense, em uma tradução para a língua portuguesa, já como forma de protesto (CLUB..., 08 set. 1895, p. 1).

Nesta publicação, são apenas expostas ideias de reação aos teuto-brasileiros, pois julga que a nacionalização foi “um desafio atirado aos brasileiros, foi um verdadeiro accinte que está mesmo a pedir ‘revanche’ completa e severa e que produziu o efeito de uma bofetada” (CLUB..., 08 set. 1895, p. 1). O texto do jornal segue afirmando que “é doloroso para nós brasileiros natos, apreciar, [...] a grosseria com que certos estrangeiros mal educados pagam a hospitalidade proveitosa que acham em nossa querida Pátria” (CLUB..., 08 set. 1895, p. 1). O discurso do editor do jornal registra a sua ofensa como um insulto à nação e tenta reportar, nas demais pessoas que se reconhecem possuidoras de uma identidade cultural brasileira, este mesmo sentimento.

Na nota redigida por Otaviano, no jornal *Gazetinha*, é retratada a busca por esta identidade cultural brasileira. Ele caracteriza os brasileiros como bons anfitriões, que propiciam “acolhimento amigo encontrado aqui pelos imigrantes que vêm trabalhar” (CLUB..., 08 set. 1895, p. 1), e os alemães como ingratos, que “em vez de agradecer a este povo [brasileiro] os favores que no seio d’elle recebem, atiram-lhe offensas” (CLUB..., 08 set. 1895, p. 1), além de condenar os brasileiros que apoiaram a nacionalização do clube. Provavelmente, este discurso foi impulsionado pela hegemonia do espaço teuto-brasileiro no cenário esportivo porto-alegrense.

Em 29 de outubro de 1892, é fundado, em Porto Alegre, o segundo clube de remo com identidade teuto-brasileira: o *Ruder-Verein Germania*. Dois anos após, estes dois clubes uniram-se para a fundação do Comitê de Regatas, com a finalidade de impulsionarem o desenvolvimento do remo. Do mesmo modo que o *Ruder-Club Porto Alegre* e o *Ruder-Verein Germania*, o Comitê de Regatas também utilizava o idioma alemão nos seus estatutos, atas, premiações e comunicação interna.

A primeira regata organizada por esta entidade ofereceu o prêmio *Herausforderungspreis* (LICHT, 1986) – em língua portuguesa, o Prêmio do Desafio. O jornal A Federação (REGATAS, 26 nov. 1895, p. 3), de propriedade de um luso-brasileiro, noticiou a regata e fez um apelo aos luso-brasileiros: “que os nossos patricios saibam imitar os clubs referidos, fundando outros e elevando-os pelo estímulo e pela concorrência.” Percebe-se o incentivo à instauração de um clube com identidade cultural luso-brasileira, levando para o esporte disputas identitárias, existentes em outros domínios.

Seu desejo foi atendido oito anos depois, quando um grupo de luso-brasileiros se uniu para a fundação do Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré, em 18 de janeiro de 1903, cujo primeiro nome cogitado para o clube foi “Grêmio de Regatas Brasil”. Este acontecimento foi amplamente noticiado pelos jornais luso-brasileiros da época, tanto O Independente (NOVO..., 18 jan. 1903) quanto A Federação (PRIMEIRA..., 19 jan. 1903), que se antecipou, anunciando a fundação do clube três dias antes do jornal concorrente. Desde o princípio, a comunicação interna era em língua portuguesa, caracterizando-se como o primeiro centro náutico que nacionalizou o remo no Brasil (SILVA; MAZO, 2009).

O Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré desenvolveu uma identidade diferenciada dos clubes anteriores, procurando recriar uma identidade nacional: “o clube de remo dos luso-brasileiros, como era conhecido na cidade, buscava afirmar uma identidade nacional brasileira” (SILVA; MAZO, 2009, p. 2). Tal situação pode estar relacionada ao movimento nacionalista liderado pelo capitão do porto, Gaspar Fróes de Azevedo, “official da marinha que tantos serviços prestou a Pátria” (AZEVEDO, 5 nov. 1908, p. 1). Era simpatizante da nacionalização do país, o que, provavelmente, estimulou a ser fundador e primeiro presidente do clube que seria uma expressão da identidade cultural dos luso-brasileiros.

Em 1905, quando o Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré tinha completado dois anos de existência, um grupo de remadores que abandonaram o *Ruder Verein Germania*, após entrarem em atrito com o instrutor pelo fato da comunicação ser no idioma alemão e nem todos entenderem, se reuniram para a idealização do Clube de Regatas Almirante Barroso. O batismo do clube foi uma homenagem a um militar da Marinha Imperial Brasileira, nascido em Portugal. Porém, entre seus fundadores, segundo o jornal O Independente (CLUB..., 02 mar. 1905, p. 2), encontravam-se os seguintes luso-brasileiros e teuto-brasileiros: Pedro Adams, Germano Sperb, Luiz Fortes, Walter Kionka, Oscar Wiedemann, Arthur Schwartz, Henrique Huber, Edmundo Seibert, Bertholdo Panitz, Osmundo Panitz e Kirchhof. O clube ficou conhecido por sua identidade “luso-teuto-brasileira” (HOFMEISTER, 1979, p. 37).

No fim da primeira década do século XX, Porto Alegre possuía mais dois clubes de remo: *Ruder Verein Freundschaft* e *Canottieri Ducca degli Abruzzi*. O primeiro foi fundado pela iniciativa de um grupo de jovens estudantes, com idade entre 10 e 15 anos, do *Hilfsverein* (atual Colégio Farroupilha), no ano de 1906. Devido à faixa etária dos

pioneiros, o clube ficou conhecido como “Clube de Guris” e, desde 1917, denomina-se Grêmio Náutico União (HOFMEISTER FILHO, 1996, p. 11). Já o segundo, foi criado por ítalo-brasileiros, no ano de 1908, e, por isto, ficou conhecido na cidade como “clube de remo dos italianos”. O próprio nome do clube representa a identidade étnica, à qual o clube estava vinculado: imigrantes italianos e seus descendentes, a maioria de seus fundadores.

Só no fim da segunda década do século XX, é que surge, em Porto Alegre, um clube que se autodenomina com identidade cultural luso-brasileira. A imprensa destacou o acontecimento. Em conformidade com o jornal A Federação (REMO, 19 jan. 1917, p. 2), alguns membros do Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré, se reuniram para iniciar a fundação do *Club* de Regatas Vasco da Gama, e, tomando a palavra, José da Costa Dias - principal idealizador deste clube luso-brasileiro -, propôs “que os fundadores do Vasco da Gama devem ser somente pessoas pertencentes á colônia portuguesa”, proposta aceita por todos os presentes.

Este mesmo jornal, em 30 de janeiro de 1917, dia da fundação, afirma que a associação esportiva veio para congregar “o elemento portuguez, instalado nesta capital” (ROWING, 30 jan. 1917, p. 5). O jornal O Diário (REMO, 30 jan. 1917, p. 4) noticiou: “reuniram-se [...] membros da Colonia Portugueza, aqui domiciliada, a fim de tratar da fundação do *Club* de Regatas Vasco da Gama”. Desta maneira, os fundadores do clube se utilizaram a imprensa para construir representações que determinassem a identidade cultural luso-brasileira da associação.

Nos clubes de remo, se desenvolveu uma alteridade entre os grupos sociais. Fronteiras sociais simbólicas foram expandidas nos clubes, ao utilizarem o idioma como barreira para o entendimento dos treinamentos; porém, os luso-brasileiros

desenvolveram uma “maneira de fazer” (CERTEAU, 2008, p. 37) o remo de acordo com seu interesse e em reação à hegemonia dos teuto-brasileiros. Seguindo pelo mesmo caminho, os ítalo-brasileiros também fundaram seu clube de remo e fixaram seu espaço no esporte. Desta forma, os imigrantes europeus fixados em Porto Alegre compartilharam uma prática cultural, porém esta gerou diferentes representações identitárias.

A competição entre identidades no remo tinha maior ênfase entre teuto-brasileiros e luso-brasileiros, tanto que no campeonato estadual de 1911, houve um conflito entre as torcidas dos clubes Germania e Tamandaré, que resultou no fim do Comitê de Regatas. Conforme noticiou a *Secção Sportiva* do jornal A Federação (REGATAS, 16 mai. 1911, p. 2), a competição era acirrada entre os clubes Tamandaré e Germania. O barco do Tamandaré chegou à frente, seguido logo após pelo barco do Germania; porém, os juízes desclassificaram a equipe luso-brasileira por delito de raia. Ao perceber que o primeiro lugar foi concedido para o clube teuto-brasileiro, a torcida Tamandarista, no momento em que os juízes hastearam a bandeira do Germania, se manifestou, pois não admitiu a ausência da bandeira de seu clube no mastro da vitória, lugar ocupado pelo símbolo do adversário teuto-brasileiro.

Na época, era comum fretarem barcos movidos a vapor para o público acompanhar as regatas. Em um deles, que transportava os torcedores do Tamandaré, um homem brada em voz altissonante: “Bandeira do *Germania* abaixo” (HOFMEISTER, 1979, p. 77). Logo após a abordagem no “trapiche, os torcedores/soldados arriam a bandeira adversária rasgando-a e passando os pedaços de mão em mão, como troféus” (SILVA; MAZO, 2009, p. 12). Reagindo a esta agressão a sua bandeira, a torcida teuto-brasileira enfrenta a torcida luso-brasileira, generalizando o conflito.

Os ânimos só se acalmaram quando os juízes conseguiram justificar a causa da premiação do Germania e não do Tamandaré. Alguns dias após o ocorrido, o clube dos luso-brasileiros compareceu com uma comissão à sede dos teuto-brasileiros, portando a bandeira reconstituída com um pedido de desculpas, com o objetivo de restaurar a paz. Este episódio representa o quanto as competições entre os clubes se configuraram em uma maneira de afirmar o valor de cada um perante seus concorrentes para além de disputas esportivas, acirrando diferenças identitárias.

Considerações Finais

As associações esportivas, para além de espaços de socialização e lazer, se tornaram em um espaço de reconstrução das identidades culturais de teuto-brasileiros e luso-brasileiros. Com o objetivo de manter os laços culturais que os ligavam ao seu país de origem, os teuto-brasileiros desenvolveram clubes destinados à prática esportiva e à sociabilidade de pessoas que compartilhavam a mesma identidade étnica. Já os luso-brasileiros não partilhavam desta tradição esportiva, mas possuíam locais de convivência social, dos quais o turfe era a principal atração.

As representações desenvolvidas em torno das práticas esportivas instituía uma demarcação de fronteiras de identidades culturais entre teuto-brasileiros e luso-brasileiros. A primeira prática esportiva identificada enquanto um meio de representação teuto-brasileira foi a ginástica (*turnen*). Os teuto-brasileiros viam nesta prática uma manifestação que possibilitava a sua apresentação à sociedade, integração entre eles e a diferenciação dos demais grupos étnicos, além de um meio de perpetuação dos costumes da cultura trazida de seu país de origem.

Os clubes teuto-brasileiros ofereciam diversas práticas esportivas; entretanto, restringiam o ingresso daqueles que não estivessem dentro de seus parâmetros de aceitação. A utilização do idioma alemão se apresenta enquanto um dos meios para tornar o acesso aos espaços esportivos reservado àqueles que possuíssem o capital simbólico necessário: falar a língua nativa. Do ponto de vista das relações entre os grupos, as representações são construídas culturalmente, enquanto estratégias para o enfrentamento das adversidades e como demonstração de unidade.

Diferentemente dos teuto-brasileiros, os luso-brasileiros não possuíam uma tradição de práticas esportivas. Todavia, os luso-brasileiros sentiram a necessidade de se representar socialmente através de um clube esportivo nos moldes dos clubes teuto-brasileiros. Para tanto, optaram pelo remo, um esporte identificado como uma prática onde os teuto-brasileiros possuíam hegemonia. Na conjuntura do remo, estabeleceram-se lutas de representações entre os clubes de remadores da cidade, entre aqueles identificados como “de alemães” e os “dos portugueses”, confirmando um conflito de identidades culturais na capital do Rio Grande do Sul.

Tem-se, assim, que, em um processo histórico de instalação, o associativismo se constituiu enquanto expressão de consciência coletiva dos grupos e como estratégia de preservação de suas identidades. Os clubes esportivos eram reconhecidos enquanto espaços de socialização e lazer da elite, cuja finalidade era tornar visível o lastro econômico, social e político, além de suas ascendências culturais.

REFERÊNCIAS

AMARO JÚNIOR, J. (Org.). **Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul**. 6º ano, Porto Alegre: Tipografia Esperança, 1947.

APONTAMENTOS para a história do Turf. Sport Hyppico. **O Independente**. Porto Alegre, 23 mar. 1905, p. 2.

AZEVEDO, G. **O Independente**, 05 nov. 1908, p.1.

BURKE, P. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CANTEIRO, O. **Ata Inaugural da Associação Protetora do Turfe**. Porto Alegre, 1907, p.1.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2008, p.37.

CLUB de Regatas. **Gazetinha**. Porto Alegre, 08 set. 1895, p.1.

CLUB de Regatas. **O Independente**. Porto Alegre, 02 mar. 1905, p.2.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

DAUDT, J. C. (Redator). **Álbum-Revista Comemorativa ao 75º aniversário da Sociedade Ginástica de Porto Alegre, 1867**. Porto Alegre: SOGIPA, 1942, p. 7.

FRANCO, S.C. **Porto Alegre: guia histórico**. 3. ed. rev. ampl. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998, p.205.

HOFMEISTER, C. **Pequena História do Remo Gaúcho**. Porto Alegre: CORAG, 1979.

HOFMEISTER FILHO, C. **90 anos do Grêmio Náutico União “O Clube das três Sedes” – 1906/1996** -. Porto Alegre/RS, 1996, p. 11.

GYMNASTICA. **Correio do Povo**. Porto Alegre, 04 mai. 1911.

INAUGURAÇÃO do Hipódromo. **Gazeta de Porto Alegre**. Porto Alegre, 15 mai.1880, p. 1.

LEMOS, A.; CARVALHO, E. (Org.). **Álbum d'O Rio Grande do Sul Sportivo**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1919.

LICHT, H. **O remo através dos tempos**. Porto Alegre: CORAG, 1986.

MAZO, J.; FROSI, T. O. Em busca da identidade luso-brasileira no Associativismo esportivo em Porto alegre no princípio do século XX. **Revista do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 30, n. 2, p. 57-72, 2009. Disponível em: <https://www.rbceonline.org.br/revista/index.php?journal=RBCE&page=article&op=view&path%5B%5D=436&path%5B%5D=352>. Acesso em: 8 nov. 2009.

MAZO, J.; GAYA, A. As associações desportivas em Porto Alegre, Brasil: espaço de representação da identidade cultural teuto-brasileira. **Revista Portuguesa de Ciências dos Desportos**. Porto, v. 6, n. 2, p. 205-213, maio 2006. Disponível em: <http://www.anima.eefd.ufrj.br/licere/docs/normas.html>. Acesso em: 29 ago. 2011.

NOVO club sportivo. **O Independente**. Porto Alegre, 18 jan. 1903.

PEREIRA, E. **A prática do turfe em Porto Alegre (1875/1910):** alguns tropeços em meio a um vitorioso galope. 2008. 57 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

PRIMEIRA reunião e instalação. **A Federação**. Porto Alegre, 19 jan.1903.

REGATAS. **A Federação**. Porto Alegre, 26 nov. 1895, p.3.

REGATAS. **A Federação**. Porto Alegre, 16 mai. 1911, p.2.

REMO. **A Federação**. Porto Alegre, 19 jan. 1917, p.2.

REMO. **O Diário**. Porto Alegre, 30 jan. 1917, p.4.

ROWING. **A Federação**. Porto Alegre, 30 jan. 1917, p.5.

SILVA, C.; MAZO, J. Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré: o primeiro clube “brasileiro” de remo em Porto Alegre (1903-1923). **Arquivos em Movimento**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 109-129, julho/dezembro 2009. Disponível em: <http://vomer2.eefd.ufrj.br/~revista/index.php/EEFD/article/view/23/62>. Acesso em: 29 ago. 2011.

SILVA, H. **SOGIPA**: uma trajetória de 130 anos. Porto Alegre: Palloti, 1997.

STROHAECKER, T.; SOUZA, C. (Colaboradora). **Navegantes**: evoluções e tendências de um bairro de Porto Alegre. 1991. 149 f. Relatório de pesquisa - Faculdade de Arquitetura, GEDURB – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 1991.

TESCHE, L. **Turnen**: transformações de uma cultura corporal europeia na América. Ijuí: Unijui, 2011. 134 p.

VENCEDORES do 5º torneio gymnastico. **Revista Esportiva**. Porto Alegre, 1907.

Endereço das Autoras:

Carolina Fernandes da Silva
Av. Coronel Lucas de Oliveira, 1659/202 – Petrópolis
Porto Alegre – RS – 90460-001

Ester Liberato Pereira
Avenida Bento Gonçalves, 2306/701 – Bairro Partenon
Porto Alegre – RS – 90650-001
Endereço Eletrônico: ester_lp@yahoo.com.br

Janice Zarpellon Mazo
Av. Coronel Lucas de Oliveira, 2507/402 – Petrópolis
Porto Alegre – RS – 90460-001